

FH: com receita, o mínimo pode ir a R\$ 180

Presidente diz que alusão de Mercadante à caneta de Malan foi ridícula e aposta que petista não toma só vinho nacional

Roberto Stuckert Filho

Helena Chagas

• BRASÍLIA. "Eu só uso caneta Bic", brinca o presidente Fernando Henrique, ao falar de aumento do salário-mínimo e lembrar o embate entre o ministro Pedro Malan e o líder petista Aloizio Mercadante por conta de uma inexistente caneta Montblanc. Em conversa com O GLOBO na sexta-feira, em seu gabinete no Palácio do Planalto, o presidente deixou claro que não esperava ter de tratar disso agora.

Mas diz que, se o Congresso quiser incluir no Orçamento um salário-mínimo que chegue a R\$ 180, tem que encontrar fontes reais de receita. Sugere que usem recursos das emendas parlamentares ou do Fundo da Pobreza, criado por proposta do presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA). Ele também autorizou o líder do PSDB José Roberto Arruda a apresentar emenda propondo como fonte do aumento a taxação das aplicações dos fundos de pensão, mas essa cobrança ainda está sujeita a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF).

Militares terão aumento salarial

• Tranquilo em relação à economia e sem demonstrar grande preocupação com a nova crise do petróleo, Fernando Henrique confirma um outro aumento: o dos militares. Segundo ele, a questão está sendo resolvida e falta decidir ainda exatamente quanto e como será pago. Negou, contudo, qualquer crise na área militar, assegurando que nunca pensou em demitir o comandante do Exército, general Gleuber Vieira.

Cansado da guerra de informações sobre a posição do Planalto no conflito Antônio Carlos Magalhães-Jader Barbalho, o presidente esclareceu de uma vez por todas: não deu sinal verde à candidatura de ninguém e não vai se meter, pois esse é um problema do Senado.

Fernando Henrique faz também uma avaliação eleitoral e reconhece o crescimento do PT. Mas afirma que os partidos governistas também se saíram bem:

— Não foi nenhum vendaval — diz ele.

Os principais assuntos da conversa com o presidente:

SALÁRIO-MÍNIMO:

Fernando Henrique vê certo componente eleitoral nas razões que levaram a oposição a levantar o assunto no Congresso, já que o reajuste do mínimo é só em abril. Mas não vai fugir da discussão:

— Deve ser por falta de assunto que começaram a falar nisso. Não acho ruim que a discussão do mínimo tenha entrado junto com a do Orçamento. Só que, para dar aumento maior, tem que ver dois



FH: "É BOM lembrar que, embora tenham sido autorizados por lei, os governadores não aumentaram o salário nos estados além dos R\$ 151"

"Não passou pela minha cabeça demitir o general Gleuber (Vieira, comandante do Exército), que é muito querido no Governo e entre os militares"

"Não vou apoiar ninguém (para presidente do Senado). Este é um assunto do Senado que vai ser resolvido por ele. Não dei sinal verde nem incentivei candidaturas"

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

problemas. O primeiro é encontrar uma fonte de receita realista, que realmente vá cobrir essa despesa. Podem usar as emendas parlamentares, ou o Fundo da Pobreza, mas têm que mostrar de onde tirar o dinheiro.

O segundo problema, de acordo com o presidente, é saber se a economia agüenta o impacto:

— É preciso ver se a economia aceita. É bom lembrar que, embora tenham sido autorizados por lei, os governadores não aumentaram o salário nos estados além dos R\$ 151 dados pelo Governo federal. Alguns tentaram, mas não conseguiram porque os empresários se opuseram. Outros só aumentaram o piso do funcionalismo.

Fernando Henrique faz brincadeiras afirmando que usa Bic, até porque vive perdendo canetas. A sério, considerou

ridícula a alusão do petista Aloizio Mercadante à caneta Montblanc na discussão com Pedro Malan sobre salário-mínimo na Comissão de Orçamento. E alfinetou o líder petista:

— Aposto que o Aloizio não toma apenas vinho nacional.

MILITARES: O presidente nega a existência de crise militar por conta dos baixos soldos, mas admite que vai dar o aumento à categoria até o fim do ano.

— Esse problema (aumento) está sendo resolvido. O que se está vendo é quanto e a forma de pagamento. Mas não houve nem há crise militar alguma. Não passou pela minha cabeça demitir o general Gleuber, que é muito querido no Governo e entre os militares. Isso é mentira.

FUNCIONÁRIOS CIVIS: Fernando Henrique deixou claro que eles não receberão o rea-

juste linear que reivindicam. O Governo vai continuar com a política de aumentos setoriais para categorias do funcionalismo:

— Vamos continuar com os reajustes por setor. Não é verdade que estejam sem aumento há mais de cinco anos, porque muitos dos funcionários já receberam. Tanto que se convocam greves e não há adesão da maioria. Fazemos os programas de demissão voluntária e quase ninguém sai. É porque a situação não é tão ruim assim para muitos.

O presidente concorda, porém, que há distorções e injustiças, especialmente em relação às aposentadorias. Ele gostaria que o Congresso aprovasse a emenda que institui a contribuição dos inativos do serviço público:

— Há absurdos como a aposentadoria de R\$ 16 mil do juiz Nicolau. Como é que pode is-

so? E o problema é que há muitos mais. A contribuição dos inativos é justa.

MESA DO SENADO: Fernando Henrique recebeu anteontem de manhã, no Palácio da Alvorada, o presidente do PMDB, Jader Barbalho. Nesta segunda-feira, será a vez do presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães. Mas o presidente da República disse que não há hipótese de que venha a se intrometer na disputa pela presidência do Senado, em fevereiro.

Nos últimos dias, circularam informações de que Fernando Henrique teria dado sinal verde à candidatura do ex-presidente José Sarney numa conversa. Ele nega:

— Não dei sinal verde nem incentivei candidaturas. Eu simplesmente sou educado e ouço o que as pessoas me dizem nas conversas. Mas não vou apoiar ninguém. Este é um

assunto do Senado que vai ser resolvido por ele.

ELEIÇÕES: Fernando Henrique reconhece o crescimento do PT, mas acha que os resultados do segundo turno não alteram em grande coisa a atual correlação de forças política.

— O PT cresceu, é inegável que passou a ser a quarta força política. Mas não foi nenhum vendaval. E isso não muda o quadro. Pode ter alguma consequência na eleição da Câmara em 2002 nas pequenas cidades. Mas os partidos aliados do Governo também se saíram muito bem. O PSDB teve o maior número de votos.

Segundo Fernando Henrique, os resultados da eleição municipal não forçam também nenhum tipo de mudança dentro do Governo para reacomodar forças, nem indicam a necessidade de uma reforma ministerial. O presidente não gostou também de ver seu PSDB chamado de partido dos grotões:

— O PSDB não é o partido dos grotões porque se saiu muito bem também nas cidades maiores. Ainda que fosse, qual o problema? Isso é preconceito. Os grotões também fazem parte do Brasil, também governamos para os grotões.

MÁRIO COVAS: Fernando Henrique falou ao telefone com o governador Mário Covas na sexta-feira. Emocionado, disse ter ficado impressionado com a disposição do amigo:

— É impressionante a força que ele demonstra. Disse que vai se tratar e vai se curar. Vai vencer.

SUCESÃO PRESIDENCIAL: O presidente almoçou na sexta-feira com o governador do Ceará, Tasso Jereissati, e tinha falado ao telefone na véspera com a governadora do Maranhão, Roseana Sarney. Brincou afirmando que, à noite, estivera com José Serra. Algum deles será escolhido em breve candidato governista à sua sucessão?

— Nem tão cedo, de jeito nenhum — disse Fernando Henrique, rindo da observação de que, se o fizesse já, a dois anos da eleição, nem cafezinho seria mais servido a ele em seu gabinete.

AUMENTO DE COMBUSTÍVEL: Fernando Henrique não confirma que haverá aumento dos preços dos combustíveis em novembro. Mas também não nega. Segundo ele, não há decisão tomada nesse sentido, pois o preço do barril ainda pode baixar. Tranquilo em relação aos índices da economia, lembra que o país produz mais de 70% do petróleo que usa. E que a crise tem um lado favorável para a Petrobras, que aumenta seus lucros.

— Não acredito que a crise do petróleo venha a provocar maiores impactos para nós. O principal deles seria fruto dos efeitos da crise em nível internacional, o que pode reduzir os investimentos por aqui. ■